

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

A CASA

23 de maio de 2026

AQUARIUS / 2016

Um filme de Kleber Mendonça Filho

Realização, Argumento: Kleber Mendonça Filho / *Direção de Fotografia:* Pedro Sotero, Fabricio Tadeu / *Montagem:* Eduardo Serrano / *Produção:* Saïd Ben Saïd, Emilie Lesclaux, Michel Merkt / *Coprodução:* Walter Salles / *Produção Associada:* Carlos Diegues / *Produção Executiva:* Dora Amorim / *Assistência à Produção:* Sarah Borch-Jacobsen, Marylou Ribes / *Direção de Produção:* Tiago Melo / *Design de Produção:* Juliano Dornelles, Thales Junqueira / *Guarda-roupa:* Rita Azevedo / *Casting:* Marcelo Caetano / *Interpretações:* Sonia Braga (Clara), Maeve Jinkings (Ana Paula), Irandhir Santos (Roberval), Humberto Carrão (Diego), Zoraide Coletto (Ladjane), Carla Ribas (Cleide), Fernando Teixeira (Geraldo), Buda Lira (Antonio), Paula de Renor (Fátima), Bárbara Colen (Clara em 1980) / *Cópia:* DCP, a cores (Scope), falado em português / *Duração:* 145 minutos / *Estreia Mundial:* 17 de maio de 2016, Festival de Cannes / *Estreia Nacional:* 16 de março de 2017 / *Primeira passagem na Cinemateca.*

“Quando Joselice adoeceu, em 1992, eu vi que ela tinha nesse apartamento uma extensão da força dela”, começa assim Kleber Mendonça Filho por estabelecer, no documentário **Retratos Fantomas** (2023), uma fundamental relação na sua vida entre o amor à mãe Joselice, a sua iniciação no cinema e essa *house* que era uma *home* e também, decisivamente, o mais pregnant *décor* de cinema. “De uma forma ou de outra, eu vivi neste lugar durante quarenta anos. Esse apartamento foi também o lugar onde eu comecei a fazer filmes. Devo ter feito entre dez e treze filmes. (...) Era bom transformar a casa numa aglomeração, numa oficina, num estúdio”. Nas imagens, identificamos excertos daquele que porventura terá sido o seu último – e divertidíssimo – filme “amador”: **Enjaulado** (1997).

Desde pelo menos essa curta *huis clos*, realizada sob clara influência de Roman Polanski e Alfred Hitchcock, portanto e sensivelmente desde a sua “hora zero” até, pelo pelo menos, este **Aquarius**, que o cinema de Kleber Mendonça Filho é uma experiência de clausura e de medo. Medo de quê ao certo? De uma envolvimento empestada pela violência e a corrupção – corrupção de Estado como corrupção de classe. Não espanta que **Aquarius** se tenha transformado num filme-sintoma sobre o naufrágio político e social de um país inteiro. Todo o filme é norteado por uma lógica conservadora – digna de Howard Hawks ou de John Carpenter – de defesa de um lugar sentimental, moral e político que aqui ganha forma concreta, uma espacialidade assaz sensual: é o apartamento de Clara, a destemida, heroica – em sentido clássico – protagonista interpretada por Sonia Braga. Ela grita “fora!” e resiste à empresa de construção que a quer despejar para no lugar do edifício onde vive construir mais um arranha-céus, mais um bloco de betão “sem memória”. Dizem que (o apartamento de) Clara, corpo magoado mas absolutamente soberano, é um fantasma e talvez o seja. É pelos fantasmas – os da memória, da arte e do sexo – que Clara e o realizador, Kleber Mendonça Filho, fazem do seu gesto um modo de resistência. Estamos na presença de um filme de cerco passado nos tempos modernos, num Brasil invadido já não apenas pelo crime de rua, mas, pior ainda, pela manha e mesquinhez dos homens do grande capital.

Cercada pela hipocrisia e o cinismo, Clara é – *é porque habita, habita porque é* – uma ruína de um outro país, de um outro tempo. Jornalista melômana, ela espanta os espíritos passando música com grão no seu gira-discos antigo. A coleção de vinis é só parte dessa memória sentimental que não apenas a habita como *é* a sua casa, do primeiro ao último tijolo, da primeira à última “parte”. Na casa, damos de caras com o principal “texto” formal do filme: um cartaz de **Barry Lyndon** (1975) de Stanley Kubrick. Após os minutos iniciais, está identificada a “origem originária” dos *zooms* sensuais e do gosto pela composição que enquadra várias personagens ao mesmo tempo numa espécie de “friso”. Disse-o bem Kleber na entrevista que me concedeu para o *website À pala de Walsh*, em 15 de fevereiro de 2015: “Os filmes

são como a minha casa. Se for a minha casa, é importante que pareça que eu moro lá. Para mim, os filmes precisam de ser assim.”

Apesar do *clin d'œil* kubrickiano, Kleber Mendonça não se deixa afetar pela origem das suas “estratégias formais”. Acanha-se, por vezes em demasia, ao longo do filme, mas também sabe fugir ou desconfinar-se das suas referências. É o que faz a sua câmara relativamente à cómoda da tia Lúcia, na sequência mais prodigiosa de **Aquarius**. Mediante a peça de mobiliário o filme “imobiliza”, trava no tempo, a memória da nobre senhora. Ela sonha com tempos de volúpia que tinham como adorno a tal cómoda – poderoso e sensualíssimo *lacrimae rerum*. No filme – no cinema, dir-se-ia – de Kleber Mendonça Filho, uma cómoda não é uma simples cómoda. Já em **Som ao Redor** (2012) – e, antes, em **Electrodoméstica** (2005) – o realizador brasileiro tinha transformado uma simples máquina de lavar roupa num vibrador feminino, quer dizer, em muito mais do que um adereço. Como se observa na sequência em que se “explora” o álbum familiar da família de Clara, os carros também antes eram coisas dignas de ser fotografadas, ao passo que hoje “são apenas carros”.

Além de toda esta dimensão bem presente, e sensualíssima, conferida aos corpos e aos objetos (e à música que deles emana), **Aquarius** é também um “ensaio” sobre o fora de campo, acerca daquilo que nos foge, que se esconde, por detrás, por cima, pelos lados. Há sempre qualquer coisa que escapa, que nos escapa... como se estivéssemos num filme de John Carpenter (um dos heróis de Mendonça Filho). Enfim, será este um drama adulto sobre uma mulher que resiste, que diz “não”, ou um filme de terror, de *home invasion*, sobre a persistência da memória – dos fantasmas da memória, à laia de um **The People Under the Stairs** (1991) ambientado no Brasil do *impeachment* – e o horror pela envolvimento – a sociedade como estrutura de medo e agressão, muito pré-Temer e pré-Bolsonaro? A linguagem do terror, quase puramente cutânea aqui, será a que melhor veicula o sentimento de uma sociedade em permanente estado de tensão. O terror habita, sempre, o pano de fundo, como uma espécie de “ruído branco” que contamina e adensa o ambiente do filme, meticulosamente construído tijolo a tijolo, quer dizer, cena a cena. Já era assim, ainda que com maior acutilância, em **O Som ao Redor**. Há, aliás, uma tentativa de reeditar a fabulosa sequência nesse filme, em que uma das personagens sonha – ou será que não é sonho? – com a invasão da sua casa por “mortos-vivos” vindos das favelas. Contudo, a história da empregada negra que ocupa o campo cego da história do apartamento de Clara não causa o mesmo tipo de arrepio e não ressoa do mesmo modo no desenrolar da história de **Aquarius**.

Em cada cena ou em cada parte, há um fio que fica solto, qualquer coisa que se sugere, que, desse modo, se anuncia, mas que, mais tarde apercebemo-nos, não se irá cumprir. É por estas brechas que **Aquarius** se faz *thriller* e também é por causa disso que tudo o que se joga entre as quatro paredes – ia dizer do apartamento dito “fantasma” mas é mesmo do filme – se faz ação crítica contra as (nossas) mais conformadas expectativas – o próprio heroísmo de Clara está longe de ser consensual dentro do filme e, porventura, aos nossos olhos. Com isto, o filme sofre de um problema típico do *thriller*: muitas vezes, a incapacidade de estar à altura das expectativas criadas ou de tornar sustentável no tecido do drama a tensão que se foi avolumando. Os minutos iniciais de **Aquarius** são extraordinários (de novo, a história da cómoda...), mas, depois, o filme fixa-se demasiado no poder de sugestão, faltando-lhe, apetece dizer, violência para “rasgar” ou “fazer estalar”, com *punch*, o conflito da personagem face-a-face com as forças abismais e corruptoras do *business*. O tempo passa e vai ganhando espessura a sensação de que, de facto, **Aquarius** permanecerá confinado, como Clara, no seu próprio apartamento formal, qual “lugar” saturado de memórias vagas e gestos fantasmas. Uma sensação de que não se livra, mas que também não anula o brilho associado a toda esta “construção cinematográfica” onde Sonia Braga é rainha.

Luís Mendonça